

Invicta *cinne*

ANO X

N.º 179



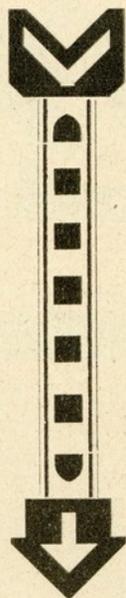
SYLVIA SIDNEY

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c^{os}

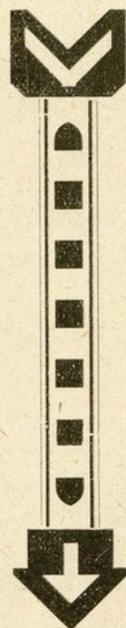
COMPANHIA CINEMATOGRAFICA DE PORTUGAL



APRESENTA

ao publico do Porto o
mais exacto e verdadeiro
documentario da vida e
dos costumes do Conti-
nente negro, produzido
pela FOX FILM

CONGORILA



Uma sensacional e ma-
ravilhosa revelação de al-
gumas regiões africanas
ainda não exploradas
pela raça branca

NA PRÓXIMA

2.^A FEIRA NO

AGUIA D'OURO

VIDA NOVA

Alves Costa, o simpático e inteligente jornalista que durante dois anos trabalhou afincadamente na nossa revista, foi obrigado a abandonar-nos, em virtude de ter sido nomeado agente da *Paramount*, no Porto.

Lamentamos sinceramente a perda desse nosso camarada, felicitando-o, no entanto, pelo honroso cargo com que foi distinguido.

«Campinos», o último filme de grande metragem editado ultimamente em Portugal, vai exhibir-se, dentro de alguns dias, no cinema Olimpia.

Para tratar da sua colocação no Porto, esteve entre nós o seu produtor-realizador-intérprete sr. António Luiz Lopes.

A nova produção nacional, desejamos um êxito brilhante.

Ilustra a nossa capa uma linda fotografia da deliciosa protagonista de «Ruas da Cidade», Sylvia Sidney.

Sylviasinha (este diminutivo é usado com a devida autorização do nosso camarada Alberto Armando Pereira), vai aparecer-nos, esta temporada, em «Uma Tragédia Americana», «Damas de Presídio» e «O Homem Miraculoso».

Adolphe Menjou, o conhecido e perfeito artista da tela, que ha anos a *Paramount* tornou famoso atravez de um bom numero de filmes, depois de ter trabalhado durante longo tempo em várias casas produtoras, foi novamente contratado por aquela casa. Desempanhará um dos principais papeis em «Adeus às armas».

Um dos mais competentes e mais perfeitos artista da *Paramount*, Herbert Marshall, vai abandonar, temporariamente, o trabalho nos filmes para, pela letra do seu contrato, aparecer no elenco de uma peça teatral em Londres, sua cidade natal.

Mr. Marshall terminou ha pouco a sua importante participação em «A Venus Loura», com Marlène Dietrich e direcção de Sternberg, e está a concluir o seu trabalho em «The Honest Finder», caprichosa produção de Ernest Lubitsch, com Miriam Hopkins e Kay Francis nos principais papeis femininos.

Espera-se com ansiedade em Nova York, a data de estreia do super-filme «O Sinal da Cruz», portentosa obra cinematográfica de Cecil B. de Mille.

A história desse filme vem sendo aos poucos elaborada, pois o seu produtor é daqueles que se não apressam com as coisas que faz, mas prefere realiza-las aos poucos, estudando-as em detalhes, minuciosamente.

A principio, teve Cecil B. de Mille de escolher um a um os tipos da sua grande epopeia sacro-mundana. Reportando-se á era de Nero, tinha o filme de personalizar a figura do grande heréje; depois, ainda segundo as exigencias históricas, fazia-se preciso um grande número de caracteres dessa época, de não facil escolha.

Esplendidamente adaptado ao papel de Nero, sabemos hoje que o actor inglês Charles Laughton leva aquela interpretação á maravilha, e quanto ao físico, pelas fotografias que dele temos visto, não se podia desejar mais. O devaso senhor de Roma dá-nos a sensação de haver ressuscitado com todo o esplendor do seu poder, na sanha realista da sua loucura.

Annabella trabalha actualmente no novo filme de René Clair «14 de Julho». Recentemente correu o boato do casamento desta artista com Préjean, mas sem qualquer fundamento.

— Qual a sua opinião pessoal acerca da proxima época? — perguntou um dos redactores desta revista ao Sr. Alvaro Pires, gerente do S. João Cine.

— Sobre a proxima época tenho a dizer-lhe que será uma época de luta! — responde.

Esta resposta, parecendo fortuita, pouco convincente, deixou-nos entregues a várias conjecturas e a largos raciocínios... e da aparente futilidade resultou para a nossa observação uma verdade de vulto, um racional criterio, que bem ajuizamos e compreendemos.

Uma escolha de filmes é sempre um problema difficil de resolver, desde que a pessoa que escolhe tenha de se divorciar dos seus gostos, das suas predileções, para olhar tão sómente para o grande publico...

Para, êste o sucesso é difficil de antever, embora se tenha uma grande pratica e mesmo que todo o publico revelasse antecipadamente o seu gosto pelo género de filmes que mais lhe agradasse.

Para o exhibidor o principal barómetro do sucesso é a bilheteira. Há sucessos que não se justificam! Diga-se, por exemplo, porque motivo o já tão velho «Yô Yô» tem um tal successo que chega a ser, em quasi todo o mundo, como que uma doença epidémica?

Quantas vezes perguntamos a nós proprios a razão dêste ou daquêl successo sem eucontrarmos uma resposta capaz de o justificar? Quantas?...

Depois disto há a preocupação de acertar, procurando os almeçados sucessos — as tábuas de salvação — como recompensa ao trabalho e ao numerario dispendido!...

Como encontrá-los?

Só variando os géneros dos programas, compulsando lentamente a opinião dos frequentadores, lutando...

É necessário conquistar o publico, saber chamá-lo... e dar-lhe a certeza de que não é para o explorar que se deseja que êle abra a sua bôlsa.

O publico tem-se arredado do cinema como de tudo o que não seja gasto imprescindível...

Não foi, pois, uma resposta fortuita, uma resposta de acaso e sem conceitos que o Sr. Alvaro Pires deu ao nosso colega. Se assim fôra não a arquivariamos e não a utilisavamos para fundo dêste artigo.

Por ela adivinhamos os raciocínios, os pensares que lhe dardejavam no cerebro antes de a dar, que abrangia, em resumo — e disso estamos certos — o que acima dizemos.

Será, de facto, uma época de luta, principalmente para os exhibidores. Assim o reconhecemos... e por tal, advertimos a nós próprios, de que é necessário encarar com serenidade o problema.

Á imprensa cinematográfica cumpre, nesta contingencia, uma função importante na sua qualidade de intermediária entre a tela e o publico...

Precisa — e é absolutamente necessário que o seja — de ser gradada e metódica, nas suas criticas, nas suas referencias, nas suas doutrinas...

Deve colaborar na luta... sem deixar de ser imparcial, mas não deve indispôr o publico, excitá-lo com comentários azêdos, deixando-se levar por destemperos e incendradas paixões ou comesinhas discordâncias de critérios... Não se ataquem, com furor de tiranos, os êrros que possam resultar das bôas intenções! Ninguem está livre de errar! Os êrros não são maldades!

A época é de luta, como observou, e com larga visão, o Sr. Alvaro Pires... Essa luta — entenda-se — é pela causa do cinema. Devemos-lhe, portanto, a nossa colaboração, com as armas ao nosso alcance! A imprensa é o medianeiro diplomatico da causa!

Aos distribuidores e exhibidores — todos já o sabem — anima a boa vontade... e a nós ela não deverá tambem faltar.

Devemos reconhecer — porque não? — que se não houver publico para o cinema, não haverá leitores para as revistas...

No nosso artigo anterior — DUAS PALAVRAS — dissemos que nos propunha-mos lutar pela nossa causa — o Cinema — e prometemos dispensar-lhe todo o nosso entusiasmo neste novo periodo de trabalho...

Como se vê, tinhamos razão para o dizer...

Que nos leiam e meditem neste breve artigo todos os nossos colegas... para que sejam demarcadas novas e necessárias directrizes na imprensa cinematográfica!

Tomaz d'Alencar.

PELOS CINEMAS LISBOETAS

Tivoli—Um rapaz encantador
(*Il est charmant*)

Confesso que quando vi este filme anunciado nada mais esperava dele do que uma segunda *Margem Esquerda*, ou qualquer outra sensoria da mesma nível.

Todavia tive a surpresa e o contentamento de verificar que era absolutamente errado o juízo que eu fizera do filme.

Il est charmant, na verdade é um filme bem construído, bem realizado, cheio de alegria, de bom-humor, de despreocupação e de irreverência.

Louis Mercanton, nome sem grande categoria, apresentou-nos um filme delicioso, com um argumento interessante, um ritmo certo, um dos mais espirituosos diálogos que eu tenho ouvido em fonocinema; um filme cheio de vida e movimento, com boa fotografia, boa música e uma excelente gravação de sons.

O realizador abusou talvez um bocadinho das canções, e algumas, como por exemplo a do ajudante de notário, atrasam um quasi nada o ritmo do filme.

Mas cenas como as da Faculdade de Direito, as dos bustos que cantam e as dos espelhos—esta, sobretudo, originalíssima—são mais que suficientes para contrabalançar os pequenos *quês* que se possam encontrar através do filme.

Lutz Mercanton aborda por vezes e com felicidade a crítica mordaz.

A caricatura do baile provinciano e *pires* em casa do Presidente do Tribunal, é engraçadíssima.

Henry Garat agradou-me neste filme mais do que em qualquer outro. A figura do estudante boémio, despreocupado e *charmant* parece ter sido feita de propósito para ele.

Meg Lemonier, uma adorável figurinha de mulher, vai muito bem, com sobriedade e expressão.

Os restantes, bem.

Eu há dias protestava contra as legendas dos filmes Paramount. Ora, para ser justo, devo salientar as legendas deste filme, bem redigidas, por vezes com espírito.

Central—Sob uma falsa bandeira
(*Unter falscher flagge*)

Mais um filme batendo o estafado assunto da espionagem.

No entanto o argumento está bem imaginado, com uma certa originalidade, de forma que o interesse do espectador é constantemente atraído até ao final.

Johannes Meyer realizou bem, com mão segura, sem transcendências técnicas, mas também sem *deslises*, sem uma quebra de ritmo.

Um bom filme, que não empolga mas que agrada abertamente.

O fim deve deixar desconsoladas muitas meninas burguesas, mas é absolutamente lógico e humano.

Uma esplendida interpretação.

Charlotte Susa um nome ainda pouco popular entre nós, é uma grande artista, sóbria, expressiva, intencional. E' também uma lindíssima mulher.

Gustav Frohlich, num papel abaixo das suas possibilidades, sem uma falha, sem um deslize, sem uma imperfeição.

Palácio—*Audácia que assombra*

O Palácio e o Odeon estrearam simultaneamente esta produção da Paramount interpretada por George Bancroft.

Um título infelicíssimo e uma ausência quasi absoluta de publicidade fizeram com que este filme não obtivesse o sucesso que merecia.

E' na verdade um esplendido fonofilm, que nos faz recordar os tempos aureos do cinema americano.

Um argumento humaníssimo, uma realização perfeita e uma das maiores criações do grande Bancroft.

Um filme digno de melhor sorte.

Lisboa, Outubro de 1932.

FERNANDO BARROS.

“INVICTA CINE,, NA PROVINCIA

Há muito que um grande número de leitores que temos espalhados por esse país fóra nos pedia insistentemente para que prestássemos um pouco da nossa atenção a actividade cinematográfica através das provincias.

Diziam êles que não era justo que se falasse sómente do Porto, Lisboa e Estrangeiro.

Concordando que o pedido era absolutamente razoável, «Invicta-Cine», a partir do presente número, dedicará uma página a êsses seus simpáticos leitores.

Nesta conformidade, a todos os nossos antigos representantes na provincia, pedimos o favor de nos darem, em pequenas crônicas, nota do movimento cinematográfico nas

(*Conclui na ultima página*)

MEG
LEMONIER

Protagonista do fonofilm
«Um rapaz encantador»
que brevemente se exhibe no
Aguia d'Ouro



DE PARIS

A vedeta francesa Colette Darfeuil fala á "Invicta-Cine"

Em Auteuil- Os climas e os Instintos--O que os realizadores querem--Um Porto, pelo Porto

Um dos passeios que o *touriste* que vem á capital da Europa é obrigado a fazer, com pena de não travar conhecimento com uma das melhores coisas de Paris, é o do Bosque de Boionha, o enorme parque, arborizado e verdejante, refrescado por quatro grandes lagos, cortado por inúmeras avenidas asfaltadas, onde o francês que trabalha toda a semana, vai descançar o domingo de sol ao lado da esposa que arranjou o farnel e que empurra até lá o pequeno carrinho que conduz o *enfant* rosado, ao lado da avósinha que mesmo lá não abandona o *crochet*, junto dos outros franceses, de todas as classes e de todas as fortunas, numa fraternidade bem democrática, bem sincera, bem francesa.

Nós, naturalmente, também fômos ao Bosque. Não andamos de barco, nem a cavalo, nem nos refestelámos na selva muito verde e linda.

Fomos para vêr, para registar impressões, algumas impressões rápidas que se transformarão em rápidos artigos. Lá, descendo pelo lado do Campo das Corridas, já em Auteuil, foi que nos lembramos de Colette Darfeuil, da linda intérprete de «Em redor dum inquerito», «Le Procureur Hallers» e «Le Rosier de Madame Hussin». Tinha-nos falado dela, no *salon* do hotel, uma interessante brasileira, viajada e culta, vinte anos repletos de inteligência e encanto, aconselhando-nos uma entrevista a que ela não se negaria, dada a sua grande gentileza, a sua enorme simpatia pelos jornalistas. Em Auteuil vive a linda Colette, num cantinho risonho, agradável.

Eram dez horas da manhã. Bate-mos. A creada, uma vélhota esguia, quiz saber ao certo se éramos de facto jornalistas. E quando principiamos as explicações, mostrando ao mesmo tempo os bilhetes de identidade que possuíamos, sorriu já satisfeita, dizendo em palavras que saíam fanhozas da sua triste bôca desdentada:

—Sim, sim. Está bem, está bem. E' que ás vezes vêm por aí senhores com bilhetes, com cortes de imprensa, só para pedirem fotos e verem a Mademoiselle. O senhor é estrangeiro—vê-se bem. Suba, suba!...

Subimos. Entramos numa peque-

na sala de espéra que serve ao mesmo tempo de quarto de vestir, de *boudoir*. Numa pequena mesa, revistas ilustradas com legendas em todas as linguas, uma estatueta de bronze, imitando qualquer Vénus e dois livros marcados por leitura recente. Ao lado, comprido, fôfo, convidando, um *divan* vermelho vivo, manchando a saleta como uma enorme pinta de sangue. Um *psyché*, —cristal e pau negro, repleto de frascos e boiões, dois pulverizadores, alguns *batons*, —fica junto a uma janela redonda aberta sobre o jardim. Ali, sobre uma *etagère* um enorme ramo de tulipas fresquíssimas, ondulado suavemente pela leve corrente de ar que se escôa do corredor. Aqui um móvel antigo pejado de fotografias e...

Não tivemos tempo para maior exame. Um *fru-fru* de sêdas, uma mão pequenina:

—Bon-jour... ça va?

Colette Darfeuil estava ali junto a nós, cumprimentando-nos. Vestia um leve *robe* transparente, muito branco, ornamentado com peles de arminho na gola, na barra e nos punhos. Tinha nos pés umas minúsculas chinelinhas de sêda, brancas também, tam brancas como as peles do *robe*, como a pele dos péritos mimosos.

Sentamo-nos. Pediu desculpa da maneira demasiado íntima como me recebia, a mim que era estrangeiro, talvez americano, da terra, da nação que mais repara na franqueza deliciosa dos parisienses. Escusei-lhe os *pardons* e tirei os óculos (eu ás vezes também uso óculos...), enfiei o monóculo e quasi não tendo dito de que país era, Colette foi dizendo, mais satisfeita, com um pequeno entusiasmo nos olhos muito azuis:

—Espanhol ou português? Tanto faz afinal, é quasi a mesma coisa. Eu adoro os portugueses e os espanhóis, gente de sangue forte, meridional. Sim, porque os climas são a pedra de toque dos instintos, talvez mesmo das almas. Não lhe parece?

Concordei, estendendo-me até ás teorias naturalistas, como qualquer



Colette Darfeuil

grande erudito... Colette sorria, as mãos juntas entre os joelhos, bamboleando as pernas nuas por debaixo da cadeira onde se sentára. Enquanto falava, fui observando bem o seu *tipo*—o cabelo muito loiro, os olhos muito claros, sem fundo, o nariz bem desenhado, compondo umas feições engraçadas bem fotogénicas; o decote atrevidamente descido, fazendo adivinhar a continuação duma carne muito branca e os lábios, ainda descórados, ainda sem *boton*, tremendo voluptuosamente ao falar, nas suas palavras mimalhas, nos seus *biquitos* garotos,—provocantemente garotos e mimalhos.

Depois das minhas frases, a gentil entrevistada olhando um pequeno relógio que dependurado na parede, rodeava-se de várias fotografias, a correr, atropelando as palavras, disse-me:

—Sabe? Tem de ir comigo. Hoje preciso de fazer umas compras e você vai ajudar-me, não é assim?

Depois almoçará comigo, num *restaurant*. Combinado? Eu volto já. Vou só vestir-me; pouco mais de cinco minutos, um pequeno instante.

E saíu, outra vez, num *fru-fru* de sêdas, perfumando o ar, numa corridinha, por uma porta lá no fundo onde se adivinhava o quarto muito branco e muito tépido.

*

Enquanto o vélho *garçon* vai pondono sobre a mesa os pratinhos do *hors-oeuvre*, olhando bem Mademoiselle Colette, vou fazendo algumas perguntas:

—Muito cinema, não?

—Nem por isso, meu amigo. Os realizadores só nos desejam, só nos

(Continua na última página)

Que magnífica sensação, a de sentir Hollywood para atrás de si! Depois de três meses passados na cidade mais artificial do mundo, sinto-me contente e feliz por reatravessar o continente americano e voltar a New York, uma cidade humana onde se vive, se trabalha, se descança, se sofre e se diverte, como os seres humanos o fazem em todo o glóbo, à exceção de Hollywood.

Centenas de livros têm sido escritos sobre a capital do filme. Centenas de milhares de visitantes vão todos os anos à California, não deixando de ir ver a cidade mágica, onde as gentes, pelas simples e única razão de serem bem feitas, ganham centenas de milhares de francos por semana e onde todos os *chauffeurs* de taxis, todos os criados de café, todos os ardinhas, todas as vendedoras, todas as criadas de quarto são os mais belos representantes do seu sexo respectivo, esperam vir a ganhar também, em um dia, os ambicionados milhões. E não falo dos que, contando-se por milhares, sendo menos afortunados, guardam à noite os bancos das praças públicas, bastante numerosos, felizmente, para os acolher.

O mundo, ao ouvir pronunciar o nome de Hollywood, idealiza uma cidade misteriosa, florida, de perfumes exóticos, qualquer coisa de feérico e indefinido.

Na realidade, suburbio de Los Angeles, cidade de negocios sombria, triste e sem cor, Hollywood não é mais do que uma grande vila, construída em papelão e papel mascado, de que se recia o desmoronamento de uma noite a outra, com palmeiras nas ruas que se desejaria tocar para ver se serão artificiais, gente dos dois sexos correndo pelas ruas, maquiada, de uma manhã á outra. É Montparnasse multiplicado, sem a sua indolência e a sua alegria.

Existem milhares de jovens afamadas, que vieram de todas as partes dos Estados Unidos e do Canadá, todas candidatas a vedetas; que se julgam mais belas, mais dotadas que as glorias do dia. E por isso, têm quasi sempre razão. Há lindas raparigas, frescas, saudáveis, comprimindo-se numa bicha á porta dos studios á procura de um emprego de figurantes por um dia ou dois, e raras dentre elas são menos bonitas que Marion Davies, Tallulah Bankhead, Norma Talmadge e muitas outras ainda das grandezas de Hollywood.

Um humorista americano disse um dia que a chave do sucesso em Hollywood depende da escolha de amante. A que escolher mal, que se engane na escolha ou que siga o seu coração, não será mais que uma rapariga infeliz, nada mais podendo esperar de Hollywood.

Em Hollywood, como em Paris, é necessário distinguir entre vedetas e artistas.

Norma Shearer, Lewis Stone, Marie Dressler, Greta Garbo, Ronald Colman, George Arliss, Joan Blondell, Claudette Colbert, Clive Brook são seguramente artistas. Mas há muitas vedetas sem talento, sem nada, que não actuaem certamente tão bem como os simples camponêzes que vemos em muitos filmes russos.

Em Hollywood, desde que um artista atinge a popularidade, deixa o seu meio, os seus antigos amigos e vai habitar em Beverly Hills, cidade interdita para os pobres; compra um carro vistoso, divorcia-se se a mulher tiver partilhado da sua miséria e recusar-se-á a ajudar um camarada na sua miséria «por principio». E como esta gente gasta sempre mais do que o que ganha, alguns meses ou anos mais tarde volta a Hollywood, á procura de um pequeno papel ou de um jantar gratuito.

Relacionei-me com muita gente em Hollywood, mas não me recordo de alguém que se tenha julgado feliz.

Alguns dias antes da minha partida, almocei na cantina dos studios Paramount com Clive Brook e Adolphe Menjou, que estavam radiantes de alegria. Era a véspera das suas partidas para a Europa. Ambos me disseram que é necessário frequentemente deixar Hollywood para não se imbecilizarem nessa atmosfera artificial e monotona. Tudo aqui parece vazio e sem interesse. Há uma coisa horrível em Hollywood: não se conhece senão um assunto

HOLLYWOOD

CIDADE

DESHUMANA!

de conversa — o cinema. Isso torna-se insuportavel, sobretudo quando se tiver passado todo o dia no estudio.

É curioso ver que as pessoas que, nos seus filmes, divertem o universo, não se sabem divertir. Organizam-se partidas. Embriagam-se, porque se bebe demasiado em Hollywood. E no dia seguinte põem-se compressas frias na cabeça escaldante.

Nada se assemelha aqui á vida real. Ninguém se veste; todos se mascaram. Não há interiores, mas decorações de studios. Conheço escritores que, cada vez que têm trabalho sério a realizar, vão para New York.

Hollywood faz vítimas todos os anos que se recrutam quasi sempre entre os artistas que maior publicidade têm. A francesinha Renée Adorée que vimos em *A grande parada* acaba de chegar do Arizona, onde passou dois anos em uma casa de saúde lutando contra a tuberculose. Agora, procura trabalho. Há alguns meses, Johnny Weissmuller era um dos nadadores mais populares do mundo. Era casado com uma pequena dançarina de Broadway que tem o aspecto de uma pequena burguesa e que não quiz mais saber da sua carreira contentando-se em ser a esposa de Johnny. Mas um producer descobriu que seria possível tirar dinheiro da sua popularidade. Fez-se que viesse a Hollywood. Todo o mundo concordava que elle não tinha nenhum talento como artista. Mas isso não tinha nenhuma importancia. Fizeram com que operasse o nariz, para ficar mais bonito e fizeram-no interpretar *Tarzan*. Encontrei-o algumas vezes em Hollywood. Possui um carro de 16 cilindros e passeia com cenários debaixo do braço falando sobre elles seriamente. E, naturalmente, divorcia-se. Porquê? Mas aí está uma coisa que não se pergunta em Hollywood. Aqui o casamento só é um pretexto para se poder divorciar.

Outra coisa. A grande barulho de publicidade fez-se crer ao mundo que Hollywood possui os melhores directores do mundo. Protesto energicamente. Primeiro, não há tais grandes encenadores em Hollywood. D. W. Griffith, o maior de todos, a quem o cinema tudo deve, que foi o verdadeiro fundador do que se chama escola russa vive em New York, pobre, sustentado por um amigo generoso. Eric von Stroheim, que foi um grande encenador, é um homem liquidado. Gosta de falar da grandeza dos seus antigos filmes, cercando-se de uma atmosfera de mysterio grandiosa. Tem uma pose de herói. Mas teme muito, segundo parece, a mulher, de que foi locatario nos tempos obscuros do inicio. Lewis Milestone, Ernst Lubitsch, Ruben Mamoulian, King Vidor são bons realizadores. Talvez sejam também grandes encenadores. Mas ser-lhes-ia necessário, para fazer melhor, serem arrancados a este meio, a este método de trabalho. Não se faz obras primas de encomenda, seguindo as linhas de um cenário fabricado por uma dúzia de burocratas que supõem fazer maravilhas das nove da manhã ás cinco da tarde, nos departamentos de cenários.

Na Europa, temos Pabst, René Clair, Eisenstein, Pudovkine, Fritz Lang. Apenas cito cinco. Na America não há muitos que os valham. E se qualquer possuir verdadeiramente talento, Hollywood, tem uma organização sábia para o embrutecer, o humilhar, o liquidar.

(Conclui na oitava página)



Olhando este grupo de lindas raparigas, vocês não sentem saudades do verão?

DA VIDA CINEGRAFICA

Cenaristas O público—a grande massa anónima que todos os dias enche as nossas salas—não imagina nunca a actividade insana que esses laboriosos obreiros do filme necessitam de desenvolver, para lhe proporcionar, incessantemente, novos filmes de temas dessemelhantes, de idéias novas diferentemente plasticizadas. Esse público, que se entretém a dissecar a vida íntima dos artistas da tãla, com verdadeira bisbilhotice de sogra, que sabe, de cór, a biografia das estrelas mais misteriosas, que colecciona fotos da Greta, ou da Marlène com fervor doentio, se dêle inquirirdes quem é Liebman, por exemplo, responder-vos-á semi-atónico da surpresa da pergunta:

—Mas, quem é tal artista?!

E, no entanto, Liebman —e quem diz Liebman diz Beno Vigny, Frances Marion, etc.—é o autor dos cenários de alguns dos melhores filmes que a Alemanha nos tem enviado, cenários que tem corrido, mui rasoavelmente, para o pleno agrado de essas produções, para o entusiasmo que esse próprio público, por vezes, tem manifestado.

Como o artista, o realizador, os operadores, o cenarista tem um papel verdadeiramente importante na confecção de cada filme, obrigando-se a um trabalho insano, para fornecer os mais condimentados pratos a um público afinal ingrato, entusiasta, mas pouco reconhecido. —N. C.

Clubs de Mickey A admiração que em todo o mundo existe por Mickey, o pequeno artista cujas aventuras Walt Disney tem ilustrado em muitos filmes, deu em resultado a fundação, na America do Norte, de Clubs de Mickey, associações infantis que agrupam os pequenos admiradores do ratinho célebre.

Estas associações, que se vão tornando mais numerosas dia a dia, têm por fim, não sómente projectar diante das crianças, em reuniões privadas, os últimos filmes de Walt Disney, mas também manter entre os seus membros, as melhores relações de amizade e camaradagem.

O êxito alcançado por esta iniciativa, de data recente, passou além de todas as precisões, pois no momento actual, os Clubs de Mickey contam com mais de um milhão de aderentes, em territorio norte-americano.

As bases de organização dos «Mickey Mouse Clubs» estão sendo lançadas igualmente na Europa, onde se espera crear alguns agrupamentos dentro em breve.

Teremos também em Portugal os Clubs de Mickey?

Tobis Portuguesa Extracto de uma carta do nosso amigo Fernando Mendes Leite, director do estimado confrade madrileno «Cinema», ao nosso redactor Novais Castro:

«Como vai o estudio português? Em Berlim disse-me o dr. von Broick, chefe da «Klangfilm», que êstes dias ficariam terminados os aparelhos que devem ir para Lisboa. Isso demonstra que a coisa marcha».

Regosigemo-nos com a agradável noticia que nos envia o nosso amigo e esperemos que a Tobis nacional possa entrar em laboração dentro em pouco tempo, para satisfazer a natural ancieidade de quantos se interessam pelo importante assunto.

Robinson Crusoe O novo filme de Douglas Fairbanks é da mesma classe dos filmes de viagens em que o grande actor se tem especializado nos últimos tempos. Segunda a critica, porém, «Robinson Crusoe», embora contendo alguns bons aspectos da vida indígena nas Ilhas da Sociedade, não faz esquecer «Sombras Brancas e Tabú» obras primas do género.

Douglas, entretanto, continuando a sua serie de viagens cinematográficas, encontra-se presentemente na China, com o fim de realizar novo filme em que, sem dúvida, nos aparecerá escalando pagodes, perseguindo mandarins de rabicho ou comendo arroz, descansadamente, com os dois pausinhos tradicionais.

Superstições Harry Polard reclinou-se na sua cadeira de director, num dos studios da Universal, dizendo:

«—Nunca conheci actor ou atriz que não tivesse alguma superstição favorita albergada na parte posterior do cérebro. O numero 13, as sextas-feiras, passar debaixo de uma escada, os gatos



ODETTE FLORELLE

Uma das mais apreciáveis artistas francêsas

pre-
tos e
todo
qual-
quer
conce-
bível
presá-
gio de
boa ou má
sorte é
atenciosa-
mente obser-
vado pelos ar-
tistas. Há quem
suponha que os
marinheiros têm
o maior número de
superstições; outros
favorecem os jogadores
de «baseball», os
motoristas e outros,
atletas profissionais.
Eu dou o meu voto
irrevogavel aos
artistas.

«—E com respeito aos directores, também são supersticiosos? Não temos tempo para tais infantilidades», responde Polard. Num momento, porém, saltou como se o tivessem disparado e foi apagar o fósforo que o seu assistente tinha na mão:

«—Não acenda três cigarros com o mesmo fósforo, disse-lhe afogueado.» Não sabe que é de mau preságio ?

50.000 Dollars por um cenário

Um autor pouco conhecido fez uma proposta de venda de um cenário, pela quantia de 7.500 dollars, que foi recusada por uma companhia de Hollywood. Entretanto, devidamente transformado em peça de teatro, o mesmo cenário alcançou um êxito tão elevado na Broadway, que a mesma companhia resolveu interessar-se então por êle vindo a adquiri-lo pela importância de 50.000 dollars.

A influência da Broadway continua a manifestar-se poderosamente. E quantas vezes tem sucedido o mesmo? A falta de uma rasoável visão, por parte dos productores, reverte sempre em prejuizo ao cinema.

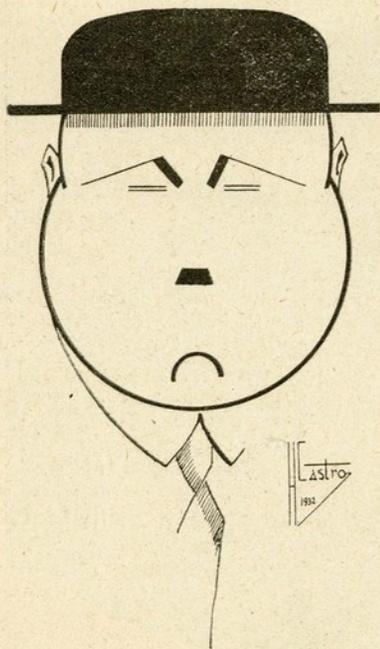
Lily impõe-se

O principal papel feminino de «O Rei dos Fósforos», que estava destinado a uma socia de Greta Garbo, foi oferecido a Lily Damita, em virtude da dificuldade em conseguir uma artista parecida com a estrela sueca. Lily, porém, recusou terminantemente, por não querer usar os vestidos destinados á «tal Garbo». E como Orry Helly, desenhador, insistisse, Lily replicou: «não usarei os seus vestidos, porque não sou nem uma estátua, nem descarnada; pôssuo uns lindos seios e tenho também pésinhos» Atrapalhado, Kelly respondeu: «Você, Lily, quer simplesmente dizer que não é Greta Garbo!»...

Que faz hoje o grande numero de actores desses pequenos filmes cómicos que todos os dias víamos em qualquer cinema como complemento do programa, nos tempos em que o cinema não falava? Em cada sessão, uma pequena película de disparates sobre disparates, a maior parte das vezes tão absurdas que nos aborreciam sobremaneira. Mas tinham um público vasto, numeroso e ruidoso com as suas gargalhadas altisonantes e calorosas.

Então, ria-se muitas vezes, só de ouvir rir os outros com tamanha franqueza, que se tornava comunicativa pelo seu desprendimento.

E nessa rasoável pleiade de intérpretes provocadores da gargalhada, sobressaíam Laurel e Hardy, aparecidos já recentemente, talvez os últimos cómicos do cinema calado.



Agora, exceptuando umas pequenas produções desse género que nos apareceram a época transacta, com Charles Murray e George Sidney, eles são os únicos que têm continuado com a sua pilhéria a divertir o público nos filmes. É claro que retiro Pamplinas e Harold deste plano de comédias mais inferiores... em comprimento. A abundancia desses filmes burlescos tão amados da petizada, foi varrida dos ecrãs.

Talvez porque tenham pensado em substituí-los e com vantagem, com os divertidos e preciosos desenhos animados sonoros que, outrora quasi raros são hoje o prato habitual das sessões.

* * *

Vamos falar de Stan Laurel e Oliver Hardy que é sobretudo a nossa intenção neste momento.

Pertencem á galeria dos célebres duos composta por Charles Murray, George Sidney, Karl Dane - King Arthur, Pataton.

Qualquer destes com o seu inseparável, formam um conjunto que logo oferece motivo para hilariedade. O contraste das suas figuras, provoca por si só o riso.

E é o caso de Laurel e Hardy. Um gordo e alto; outro magro e baixo. Vestidos modestamente mas com certa pretensão; os côcos apertados, dansando quasi na corôa da cabeça. Há na indumentária de ambos e especialmente na do pequeno Laurel um quê de affectado e charlotesco. Aí está a figura de ambos ao primeiro contacto na tela. Vejamos o papel que jogam: Qualquer deles se julga capaz de todos os actos, de todas as atitudes, apesar dum acanhamento impostor. E d'aí a eterna contradição em que se manteve, provocando constantemente os mais e-pantosos disparates.

CRIADORES DE CINEMA ALEGRE STAN LAUREL e OLIVER HARDY

O grande Hardy sente-se pela sua vantagem material, superior a Laurel. Gosta de o censurar em todas as acções com a preocupação e rigidez das sova dum papá.

O outro mais arrebitado de quando em quando de gente capaz de tudo. Ambos são atabalhoados até á estupidez.

O gordo vê o magro fazer qualquer coisa desagendada e na sua presunção de maior e mais habilidoso, afasta-o como um réles incompetente e desastrado, metendo-se êle a imitá-lo para orgulhoso mostrar-lhe o resultado; mas, ó azar! succede-lhe peor ainda. E num gesto furioso e incontento de falhado, escorraça o palerma do companheiro como culpado do seu insucesso e porque sorri estúpida e ironicamente.

O cabelo eriçado de Laurel define bem o seu aspecto de homem apalermado e receoso com uma expressão abstracta de quem não sabe para que veio ao mundo.

O pesado Hardy de cabelo mal penteado, quasi pastoso sobre o crânio arredondado, mostra um ar mesclado de ingenuidade e atrevimento, convencido da sua imposição como homem atraente, Laurel sorri com esforço. Hardy mais á vontade, infantilmente, com dissimulação.

Tudo isso que acabo de frisar são os elementos essenciaes da sua graça impagável de comediantes. Todas as histórias das suas películas são urdidas á volta destes alicerces.

* * *

Laurel e Hardy preocupam-se acima de tudo por fazer rir o público constantemente, buscando as ideias mais destrambelhadas e cujo efeito seja satisfatório. Nada de artificios técnicos, nem de preocupações de arte essencial.

— *A nossa missão é fazer unicamente rir o público*— diz o cheio Hardy.

Stan Laurel acrescenta: Quando decidimos trabalhar juntos, eu e Oliver os directores queriam que imitasse os palhaços, com narizes vermelhos, calças largas de balão e os acessórios ridiculos de toda a natureza. Mas, tanto Oliver como eu, preferimos apresentar-nos ao natural. A época dos palhaços já passou. Para nos destacarmos temos que nos tornar figuras familiares e facilmente reconhecíveis, na tela. Toda a gente conhece ou se lembra dum Stan Laurel ou dum tal Oliver Hardy. O que fazemos fá-lo qualquer pessoa. Os contratempos que passamos podem acontecer a qualquer outro. Claro que temos de exagerar um pouco, para que dê o resultado pretendido.

As suas cenas são pois caricaturas da vida real, tiradas muitas vezes da observação dos factos que cada um analisa á sua roda. Ambos trabalham mutuamente de acordo, com a maior harmonia, ao contrário das figuras mostradas na tela, na concepção das peripécias que fazem parte das suas produções. E as sugestões alheias são admitidas com a melnor franqueza se são de prováveis e felizes resultados.

Nos seus actuais filmes, falados, não traçam mais do que um esqueleto do diálogo e da acção—como êles próprios afirmaram— quando começam a filmagem para uma película. O resto, os incidentes e as piadas nascem do improviso.

Na opinião de Oliver «se o cómico se sugeita a uma fórmula, desaparece a clispa da espontaneidade».

Um bom cómico é um caricaturista da vida e dos seus factos; e para o sêr com êxito tem de se possuir uma psicologia apurada. Bergson no seu livro «Le Rire» diz: *L'art du caricaturiste est de saisir ce mouvement parfois imperceptible, et de le rendre visible à tous les yeux en l'agrandissant.*

Laurel e Hardy foram os únicos das pequenas fitas burlescas que ficaram na sua normal actiuidade, porque nos seus filmes ss



encontravam esses elementos indispensáveis de psicologia capazes de manter o público sem o enfadar. Os outros dansando na estulticia da sua vacuidade artistica, sem dotes de imaginação, esbararam tristemente na barreira difficil de transpôr—o fonocinema.

J. ALVES DA CUNHA

Hollywood, cidade deshumana!

(Conclusão)

Devo prestar justiça ao público europeu. Em França ou na Alemanha, um bom filme, um filme artistico tem possibilidade de tornar-se um successo comercial. Na America, um filme artistico nunca fez dinheiro. Vista da America, a produção francesa parece toda em côr de rosa.

Os que não conhecem Hollywood senão por vagas descrições ou através de sonhos, vão julgar-me injusto com a colonia de artistas que parece mais um jardim de aclimação.

Mas certo estou de que os que lá têm vivido, que tanta gente viram sofrer e lutar para nada, os que observavam esta lonca carreira para a gloria, que muitas vezes acaba no hospital, vão reconhecer que fui indulgente para a cidade maisdeshumana da terra.

GEORGES ROOT

(De «Pour-Vous»)

A PROPOSITO DO FILME

“ CONGORILA ”

A ânsia do conhecimento do desconhecido, a curiosidade infinita de novos mundos, novas terras e novos seres, impeliu primitivamente o homem para ousadas aventuras, com riscos tremendos. Quer pela parte material dos meios que empregava, quer pelo primitivismo daqueles que procuravam fazer entrar na complicada máquina da sociedade. Conhecidos esses mundos, tornados seus dominadores, senhores daqueles que pretendiam civilizar, gosando das abundâncias que davam os litorais dos continentes torneados, fertilíssimos ou por explorar, o homem, o mais ousado aventureiro, não quiz com o decorrer dos séculos, ficar conhecendo simplesmente as orlas continentais ou os contornos insulares. Quiz, poder dizer quais eram as espécies animais e vegetais que com êle co-habitavam determinada região, quiz conhecer a estrutura do solo, a sua forma, as possibilidades de lançar sôbre êle a vasta rêde do aparelho circulatório da civilização: as vias de comunicação.

E assim, cessado o mistério do desconhecido, partidas as lendas, acabados os cantos das sereias, os mares de fôgo e os nevoeiros venenosos, conhecido aparentemente o globo na disposição dos seus continentes, mortas e enterradas definitivamente as fábulas revelhidas dos fenícios e dos gregos, mais uma vez o «*pitecantropus erectus*» da época terciária, civilizado, pejado de ciência, julgando-se o super dos seres vivos, vai procurar atravessar os continentes, conhecer-lhe a fauna e a flora

A' exploração intencionada e determinada dum Pero da Covilhã, outras se haviam de seguir; a descoberta pretenciosa do reino de Prestes João, suceder-se-hiam descobertas de civilizações tam variadas, tam ricas em vestígios doutras civilizações, que ainda hoje passados séculos sôbre as primeiras descobertas,

se faz a pergunta se os pretenciosamente primeiros, o foram de facto.

Nomes como os de Livingstone, Stanley, Serpa Pinto, Capelo e Ivens, decoram hoje unicamente as páginas dos compêndios dos estudantes, embora com brilho de ouro. As suas viagens faziam vibrar tam grandemente os corações dos seus compatriotas, como o faziam, as partidas daquelas caravanas bojudas, balouçando-se pesadamente e nas quais, no mastro real, tremulava altaneiro, cantando já gloriosamente, a bandeira sagrada das quinças.

E o coração vibrava porque, se uns se engolfavam na quimera do Mar Tenebroso, outros mergulhavam-se na escuridão das selvas virgens, onde desde o réptil à mais minucula môsça, tudo era adverso...

* * *

Mas, estas viagens de penetração dos continentes, so ficavam visualmente sendo conhecidas dos próprios exploradores; a massa anónima do público limitava-se a lêr os sucessos nos jornais, onde nem sempre a verídica fantasia dos redactores, pintava as coisas, tal como se tinham passado. Outras vezes, ficavam êstes comodamente aguardando o regresso das expedições, para depois reproduzirem longas e pitorescas entrevistas. O público era mal informado, o público sabia pouco e quando apareciam à venda obras preciosas como as de Capelo e Ivens, o público não queria lêr. Sucedia que, emboia fossem claras as noticias, as obras ou as entrevistas, vivia-se na mesma ignorância que antes da exploração. Das quedas do Zaire, dos baobás, da tsé-tsé, fazia-se uma ideia que normalmente tinha grande afastamento da verdade; o relato não bastava para fazer nascer o até então desconhecido.

Nem Stanley, nem Livingstone, nem nenhum dos portugueses con-

seguira, aparte as raizes scientificas das explorações, informar concretamente o público. Vivendo numa época de ainda muito rudimentares conhecimentos fotográficos, não poderam enriquecer suficientemente os seus albuns e as páginas dos jornais. Faltou-lhes o olho poderoso da objectiva, que tomando a realidade, a reproduzisse depois com fidelidade. Faltou-lhes com que poder dar a ideia das proporções, afim de que não succedesse, como há anos num exame dum liceu, em que o examinador comparava um avestruz a uma galinha. E faltou-lhes ainda mais que a máquina fotográfica com todas as perfeições requeridas para o meio, a máquina de filmar, a mais poderosa e revolucionadora invenção do século actual.

Descobrimo-a e inventando-a, o homem voltou à selva e chegou até a ir ao fundo do mar. A sua curiosidade, a sua ansia de saber não tinha ficado satisfeita; conhecia-se o mundo, mas esse conhecimento era propriedade de umas centenas de privilegiados. Assim o homem quiz conhecer mais e detalhadamente, podendo mostrar aos outros homens, e foi à selva filmar.

Não há hoje liceu, escola ou colégio que não possua uma máquina de projecção por onde o aluno pode vêr a verdade e a realidade sôbre regiões que desconhecera, visualmente, seus pais e seus avós.

«Cruzeiro Negro», «Chang», «Trader Horn» e muitos outros filmes são documentos que provam a insaciabilidade do homem na ânsia dum maior grau de conhecimento e de civilização. Vê-los, não é simples formalidade de divertimento espectacular; é tambem dar ao espirito uma lição completa de conhecimento e de beleza.

Mais um filme, mais uma página da ainda misteriosa Africa, vai ser patenteada aos olhos do público;
(Conclui na ultima pagina)

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO
OLYMPIA
ODEON

50 % de desconto em todos os lugares na matinée de 5 de Novembro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 3 ou 5 de Novembro de 1932.

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 5 de Novembro.

As oriaças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

"INVICTA-CINE," NA PROVINCIA

suas terras, aceitando nós correspondentes em tôdas as localidades onde «Invicta-Cine» ainda não se encontra representada. Os interessados devem dirigir-se-nos, na volta do correio. A seguir, publicamos as duas primeiras crônicas dos nossos colaboradores na Covilhã e Viana do Castelo.

da Covilhã

Esta cidade, considerada uma das mais importantes e populosas de Portugal, possui apenas uma única casa de espectáculos—o Cine-Teatro Covilhanense—com a capacidade de mil lugares, divididos em camarotes e frizas de 1.ª e 2.ª ordem, 1.º e 2.º balcão, cadeiras e fauteuils d'orquestra.

Dada a situação excepcional de não haver outro cinema que lhe fizesse concorrência, a sua empresa proprietária, no tempo do silencioso, descurou sempre a programação de filmes, sendo a grande maioria das sessões constituídas de películas ordinárias e das mais baratas, pelo que o público protestava, e com razão, abandonando-lhe a bilheteira. Mas como era o único divertimento noturno desta terra, enclina-se de coragem e paciência e lá voltava a aturar-lhe os programas de natação. A empresa, conhecedora disto, abusava.

O acompanhamento musical, constituído por um estafado quinteto, era a grande tortura dos espectadores. A incompetência e a desafinação dos componentes da orquestra aliavam-se ao mau gosto do maestro. Do conjunto resultava uma autêntica vergonha para esta cidade e para a arte musical.

Depois duma grande campanha de certa imprensa local, a que se seguiu uma greve de protesto levada a efeito em Dezembro do ano passado, os resultados não se fizeram esperar. A empresa do cinema resolveu-se a arripiar caminho e a fazer a instalação do sonoro, que a Covilhã inteira exigia de há muito.

Um pequeno compasso de espera, uma enorme ansiedade em todos os covilhanenses, cinéfilos convictos e não cinéfilos, e a inauguração do fono-cinema realizou-se no dia 11 de Fevereiro deste ano. Como por encanto, o público volta a ocupar os seus antigos lugares, as enchentes sucedem-se, filmes há que dão duas, três e quatro exhibições seguidas.

E verifica-se então, com alegria e espanto ao mesmo tempo, que a empresa já não é a mesma do tempo do mudo, já leva sempre bons programas na sua sala de espectáculos, que, enfim, mudou—e ainda bem!—por completo e radicalmente. E sucedem-se então *Ruas da Cidade, Matou, O Congresso que dança, A Divorciada, Dois corações a compasso, Ressurreição, O Rei da Graxa, O Senhor Director, Madame Satan, Amorosa Aventura, Mademoiselle Nitouche, A Loucura de Monte Carlo, Em redor dum inquérito, Um homem feliz, Marrocos*, etc. . .

O público covilhanense está satisfeito e

bem servido:—as películas exibidas são das melhores, o reproduzidor de sons da marca Tobis Klangfilm é duma notável perfeição e nitidez.

A nova temporada cinematográfica 1932/33 inaugurou-se no dia 2 com o filme de George Milton, *O Rei da Pandega*, comédia engraçadíssima, nem melhor nem pior do que as anteriores do popular Boubole.

No dia 3 levaram *Ronny*, opereta-fantasia da Ufa, com a graciosa Kate de Nagy, que já conquistou um admirador em cada covilhanense.

Quinta-feira 6, *Dois num automóvel*, comédia musical realizada por Joe May, com Annabella e Jean Murat.

CARLOS FAZENDA

de Viana do Castelo

O Cinema Sonoro entrou, nesta cidade, com o pé direito. E a cambada dos cépticos que são capazes de descer da pureza da sua própria paternidade foi derrotada em toda a linha. O público vianense habituou-se ao «sonoro» e, evoluindo com a rapidez inerente à sua inegável cultura, já começa a tornar-se exigente.

A temporada que corre abriu com o *Congresso que Dança*.

A opereta e a comédia musicada são as paixões da nossa gente. Alegria, saúde e modicidade.

Um homem feliz, depois de *O Senhor Director*, foi o filme mais aplaudido. *Luzes da Cidade*, como era de prever, nem a todos agradou. Eu, penso que um filme com umas cenas finais daquela força tão humanas, tão vibrantes... não tem semelhante. Mas um senhor bem trajado que bota crítica nas mezas dos cafés, riu trocisticamente, encolheu os ombros e disse:—Não levo a bem que o Charlot, um palhaço, se meta a fazer tragédias... .

«Charlot»

Vou confessar-lhes um pecado. Eu, cinéfilo impenitente, fanático e sacrificado, que rabisco larachas de teor cinematográfico, enfasto-me com a leitura das revistas nacionais! E' verdade!

A decantada propaganda, a imprescindível cultura, as crônicas em condições... nem se avistam. Há a preocupação, principalmente nas revistas lisboetas, única e exclusiva, de fazer o jôgo a um cinéfilo A, ao jornalista Fulano, à actriz Qualquer Coisa. De útil e productivo, apenas as fotografias e, nem tôdas.

Entretanto na provincia alguns jornais inserem curiosos artigos sobre cinema. Ainda há pouco o *Noticias de Viana* publicou uma admirável crônica *Cervantes, Pascal e Charlot* que um espírito culto traçou num dos seus raros momentos de boa disposição.

Há uma diferença entre o autor desta crônica e a maioria dos jornalistas que pontificam nas publicações lisboetas: é que enquanto estes são, na maioria *arrivistas* sem preparação nem cultura aquele—que nem sequer é cinéfilo!—estuda, medita e produz obra apreciável.

Contra mim falo...

ALBERTO COUTO

A PROPOSITO DE "CONGORILA"

intitula-se mais essa lição com ciência, beleza e arte «Congorila». A Africa, até há anos considerada «Continente Negro», vai patentear-se sobre os écrans as suas belezas de efeitos novos para os olhos sempre ávidos de maiores conhecimentos.

«Congorila» filme documentário sobre a selva africana, não foi realizado por uma expedição faustosa de exploradores. E' como que o diário, verdadeiro, preciso, matemático dum homem que foi para a selva, porque queria ver e viu mais que qualquer outro, com funções apenas comercialistas.

(N O B O D Y)

Colette Darfeuil

(Conclusão)

procuram, depois que não precisamos dêles. Não sei se me compreende bem? . . .

Disse-lhe que compreendia, que percebia muito bem. De facto é assim. Quando uma artista consegue um nome, um grande nome para cartaz, os *meteurs-en-scène* não a largam mais, querem-nas, procuram-nas.

—Azeitonas?

—Não, muito obrigado.

—Tenciona trabalhar brevemente?

—Julgo que sim. Recebi ordens de Pathé-Natan e a UFA parece querer que eu trabalhe lá. No entanto nada sei de positivo:

E continuou a conversar.

Colette Darfeuil come bem, com apetite, trincando com os seus dentes muito brancos e muito iguais os bocadinhos das iguarias do almoço.

—Um Pôrto?

—Sim, um Pôrto, para brindar pelos meus admiradores portugueses, pelo seu país e por si, meu gentil amigo.

—Tchim, chim!

—Urrah!

EMILIO LOUBET:

ANO X
N.º 179
Porto, 29 -- Outubro -- 1932

INVICTA CINE

SEMANÁRIO — DE — CINEMATOGRAFIA

REDACÇÃO:—Rua das Musas, 45

PORTO — PORTUGAL

Director: Roberto Lino — Propriedade: Emp. Invicta Cine

EDITOR
João Soutinho de Oliveira
ADMINISTRADOR
Joaquim A. Teixeira
COLABORADOR ARTISTICO
Fernando Lacerda

REDACTORES
J. Alves da Cunha
Fernando Barros
Emilio Loubet
Novais Castro
C. Vasconcelos

Visado pela
C. de Censura
Comp. e Imp.—Diario do Porto

== S. JOÃO CINE ==

Apresenta na próxima semana a célebre vedeta

ANNY ONORA

em

== ANNY KIKI ==

super-comédia de
Carl Lamac, falada
em francês, produção
de Setembro
de 1 - 9 - 3 - 2
UM FILME DA

== AGENCIA CINEMATOGRAFICA ==
H. DA COSTA, LDA

TOMEM NOTA...

... da primeira selecção
de grandes exclusivida-
des, que a firma Castello
Lopes, Lda., apresenta
esta temporada:

Georges Milton em O Rei do Beijo

H. Twelvetrees e P. Holmes em O Seu Homem

Lien Deyers em Casamento de Amor

Harry Piel em Os Três Amigos

MAGDA SCHNEIDER em MENINA, NÃO SE ENGANE

Anny Ondra em É preciso Casá-los

BLANCHE MONTEL e A. BERNARD em O Filho do Milagre

Noël-Noël em Papá Sem o Saber

Tom Mix em Vingança de Tom

Douglas Fairbanks e Bébe Daniels em Alcançando a Lua

Marcelle Chantale em Em Nome da Lei

Annabela e A. Préjean em O Filho da América

Harry Piel em O Agente Secreto

BATALHAS DO OESTE

O primeiro filme falado de aventuras, em episódios, que se apresenta em Portugal